

SURGIMENTO DA CASTANHEIRA

Narradora: Juracy Menkaiká Makurap

O pé de castanha era bem baixinho, castanha não tinha esse ouriço duro, era bem molinho, só chegava e tirava. Era ele, *Kāpñon*, o marido de *Dndaiká* que tirava, depois começou a enjoar de colher castanha [...] Ele falou assim:

– Não quero ir não, vai lá tu!

Ele já estava com má intenção para fazer maldade com ela [mulher dele]:

– Vai lá com seus filhos!

Era para os meninos subir junto com ela, todos os dois, e ele ficar embaixo, mas [...] a vó cochichou para eles.

– Não vai não, talvez ele vai querer fazer maldade com a sua mãe e vocês vão ficar juntos, então vocês não vão.

A vó ficou! A mãe queria falar para ela, para a *Dndaiká*, mas só que ela não chegava perto da mãe. Aí ele falou então vamos embora:

– Bora, meu pé está doendo, vamos embora.

Dndaiká pegou o marico e foi, aí ela falou para a mãe dela:

– A senhora vai querer mãe?

– Não sei! Respondeu meio chorando. Não sei, se você puder trazer, traz.

Ele falou:

– Vamos embora *Dndaiká*.

Aí *Dndaiká* foi! Aí ela foi.

– Vai lá! Ela falou.

–Vai tu, eu já falei que eu não quero subir, eu não falei para você, vai lá, é pertinho, sobe lá repara lá no olho de repente está maduro, está bom de comer. Ele estava falando, e então ela falou assim:

– Então está bom, eu vou subir.

Aí ela tirou e jogou lá embaixo para ele olhar. Aí ele já estava falando maldade para ela [...], aí de novo, tirou e jogou de novo. Isso daí foi bem cedo, mais eu acho que era mais ou menos nove horas para dez horas. Aí ele falou de novo, ele nem falava que estava bom. Aí ela foi de novo, aí agora ela se aborreceu.

– Eu vou jogar um ouriço de castanha nele, quer ver?

Aí ela atirou bem assim na cuca dele e “poh”, desmaiou. Em vez dela descer, não, ela ficou lá rindo dele, ficou rindo dele. Aí ele ficou lá jogado até que ele retornou de novo. Ele olhou para cima e ela estava lá, ele foi e pegou sabugo de milho, aí que ele falou:

– Tu não vai descer não, né?

– Não, daqui a pouco!

– Está bom.

Aí ele assoprou no miolo do pé da castanheira, ele empurrou e assoprou. Ela estava lá em cima, onde ela subiu:

– Você não quis descer para pagar o que fez comigo, falou para ela, ela lá em cima. Olha o que você fez comigo, agora tu vai ficar aí a vida toda, vai morrer de sede, falou para ela e foi embora.

Aí ele ficou por ali até que chegou de tardezinha, ficou assoviando, igual nambu preto. [...] Os meninos olharam pela brecha:

– Repara aí. A vó deles mandou. Eu não falei, sua mãe já ficou, a primeira a chegar em casa é sua mãe, sua mãe ficou para trás.

As crianças queriam chorar, mas a avó falou: – Não chora, fica quieto como se nós não soubéssemos de nada.

Aí ele foi chegando, foi chegando, aí diz que falou para os meninos:

-E daí! [...] Diz que falou com os meninos com brutalidade. O que vocês vão fazer? [...] Aí ele pegou a rede dele e ficou assim sentado dentro da rede, falando para eles:

- Amanhã, então amanhã mesmo vocês vão sair cedo para procurar a mãe de vocês, se não vocês vão se dar mal. Falando para os dois meninos e a irmãzinha.

Aí saíram cedo, a avó levantou cedo fez comidinha para eles, mandou eles comer e beber água e foram embora. [...]

– Vão embora!

Foram embora os meninos. É triste né! Eles saíram cantando. Aí foram andando, andando abraçadinhos, os dois abraçadinhos. Lá, ele [o homem] fez tipo um espinho [...], diz que tinha um pau liso, liso, liso e botou encostado na folha de espinho, não tinha nem onde entrar e nem onde passar. Quando eles queriam subir para pular aquilo, parecia com um pau, mas tinha aquela liga quando os meninos iam pular caíam. Até que eles falaram,

– Como que nós vamos ir?

Até que foram seis horas e eles voltaram de novo cantando, foram andado e chegaram mais ou menos uma hora dessa, seis horas. A avó estava preocupada, até que chegaram. Os dois cochicharam para a avó:

– Vó, nós não encontramos não, nós encontramos foi um bicho igual pau, mas a gente não passa por cima não, é liso não dá de passar por cima não.

– Nem rodear?

– Nada!

Estava feio tipo espinho ele fez. Foi ele [o homem] mesmo que fez. A avó chamou e mandou os dois comerem no escuro.

– Come por aqui.

Ele estava deitado, quando ele acordou, eles estavam dormindo, eles já tinham comido e bebido água. Ele acordou, pensando que os meninos ainda estavam comendo, ele ia chutar a comida dos meninos. Dormiram, a avó fazia que estava dormindo, vendo o jeito dele, deitava, levantava e ficava olhando os meninos com aquela arma, deste tamanho assim, [...] medindo, marcando, fez isso com os meninos até já de madrugada, balança rede para cair, derrubar, para cair e levantava os bichinhos:

– Está na hora de você irem embora!

Vovó já levantava, já fazia comidinha, torrava milho para eles e mandava as seis horas e eles iam cantando de novo [...] até que chegava nesse negócio de novo, até que passou mais ou menos uma semana ou duas, e a mãe lá em cima. Aí vinha tanto periquito, papagaio, arara, todos os tipos de periquito, tudo, tudo. Aí chegou uma arara boa, eu acho que até hoje tem para lá, por aí falam que tem ainda, aí chegou:

– Poxa vida, eu estou com sede. Aí falou ela com ele, como entrar assim igual cobra arrastando até que talvez nós vamos achar. A mãe criava um casalzinho de passarinho, [...] parece que eles sabiam né, aí ensinou os meninos a rodar, rodava e eles também acompanhavam os dois e o casalzinho de passarinho. Os passarinhos como tinham asas, eles rodeavam aí chegavam de novo, até que a irmãzinha falou assim:

– Por onde os passarinhos saíram? Vamos ver por onde eles rodaram. Deram um jeitinho, saíram se arranhando até rodaram o olho do pau e vararam lá no caminho mais adiante, começaram a sair andando e cantando [...]. A mãe lá em cima escutando igual a essa castanheira que tem [...]

– É meus filhos, esses daí que tem! [...] Foram e diz que ela viu os dois abraçadinhos cantando, como esse daqui e a irmãzinha [...] Foi chegando, chegando e chegou no pé de castanheira, diz que olharam tudo.

– Quem sabe se não é esse?

Ela falou de lá, e eles disseram:

– É a mamãe que está lá em cima.

Ele [o homem] ficou lá fazendo arco, fazendo flecha.

– Ó meus filhos, eu não tenho como descer, vocês avisam para a avó de vocês que eu estou aqui em cima e, nem sei como vou fazer, eu não sei como vou descer, vou dar um jeito de pular ou cair aqui de cima no chão e morrer.

Essa hora tinha arara comendo essa flor da castanha, as araras todas comendo e escutando ela falando.

– Vai embora e fala para avó de vocês que encontraram a sua mãe, não vai falar nada alto não, se ele escutar ele vai fazer alguma coisa ou vai derrubar a castanheira para me matar.

– Está bom mãe!

E voltaram cantando, cantando de novo até que chegaram, a avó em pé esperando, a vó levou para tomar banho e eles contaram, tinha pegado água em um pote de banho nos dois meninos. Ela falou:

– Vamos deitar. No escuro ela dava comida para os meninos para ele não ver. Comia, bebia água e deitava, deitava todos quietinho. Aí ele falou:

– Cadê os meninos?

- Eles já estão dormindo.

– Será que não acharam a mãe deles não? Não sei o que ela fez, ela saiu de mim e eu não sei onde ela foi.

Os meninos cochicharam para a avó que ela estava na castanheira. Ela contou que ele soprou o pé de castanheira e o pé suspendeu com ela, ela falou que não é para contar para ele não.

– Está bom. No outro dia chegou uma arara amarela bem bonita, bem bonita mesmo, diz que pousou bem pertinho. Diz que ela falou:

– Poxa vida, essas araras, esses periquitos se juntassem tudinho me levavam para a casa deles, diz que falou né. *Dndaiká* falou, e três araras comendo ali, diz que ele virou e falou.

– O que tu falou?

– Eu falei que as araras e os periquitos se eles pudessem me levar eles iam me levar para a casa deles.

– Sou eu que sou arara, tu quer ir? Não fala que tem medo não, fecha teu olho que eu te levo, eu te levo.

– Será que eu não sou pesada para você não?

– Não, de todo jeito eu te levo, porque aqui você vai morrer de fome, vem que eu te levo. Agora monta aqui e se segura bem, que eu vou te levar e, fecha o olho, quando eu chegar lá em casa eu falo para você acordar.

Ela montou nas costas dele, segurou bem nas asas dele e foi direto rodando assim [...], e foi e chegou, desceu e ele falou para ela.

– Acorda que nós já chegamos.

Aí a mãe olhou:

– O meu filho trouxe uma mulher, falou para o pai dele.

– Será?

Aí pegaram uma esteira, estavam todos sentados assim, aí saíram todos da maloca deles e foram conversar, de tarde gostavam de conversar. O pai dele pegou um banco. Aí foram conversar contar como que foi que aconteceu.

Com dois dias que ela tinha ido embora, ele, o marido, foi lá. Chegou, olhou lá e ela não estava. Ela já tinha ido para a casa das araras. Aí chegou lá, quando a mulher chegou lá, na casa das araras, foi conversando como aconteceu, ela contou como foi. Aí o sogro dela e a sogra também falaram:

– Agora aqui você está bem, se ele chegar aqui, ele nem sabe o que vai acontecer com ele.

Com três dias parece que o marido voltou. Veio e procurou tanto e em todo canto, até que ele lembrou:

– Deve que foi arara que levou, para ela sair daqui não tinha como, não achei o corpo dela, será que levou para onde?

Passou três dias procurando. Quando foi de tarde todas as araras sentadas. Primeiro ele foi como uma mulher velha, com um marico [...] ele fazia cera, fazia assim sumir a bagagem dele, e botava a cera igual mulher. Aí chegou, todos desconfiados, mandaram ele embora e ele foi embora e, voltou com outra cara, ele voltou de novo, não se conformou e foi com a cara de homem e chegou com a arma bem pontudinha. A arara que levou já era marido dela, ele era filho do cacique, ela estava lá com eles todos sentados comendo, família grande, aí viram:

- Já vem seu marido. E é ele!!

Todo mundo já levantou e se prepararam, nem pegaram flecha, nem nada.

– Ele não sabe o que vamos fazer com ele.

Dndaiká ficou com medo.

– Não fica com medo não, você só vai se afastar.

Já vinha ele, ele foi direto lá nele, ele estava sentado em um banco e ela estava na esteira pertinho dele, o rapaz falou:

– Levanta e já vem para o meu lado!

Ele [o homem] estava com uma arma querendo furar o pé dele, até que ele acertou e rasgou o pé dele, e ele gritou. Diz que todo mundo veio e despedaçaram ele todo, todo, todo. Aí dizem que pulou um sangue coalhado, assim, na hora que eles se afobaram, pulou um pedacinho de sangue parece que assim longe. Aí acabaram com ele, não ficou nem pele, nem osso, foi tudo, despedaçaram tudo. Passou um dia. Aí de madrugada escutaram um assovio:

- Esse ainda sobrou, disse o cacique, ainda sobrou um pedacinho. E agora como vamos achar esse pedaço? Aí começaram a procurar ele e nada. Quando voltavam ele assoviava de noite. Eles iam lá com espada procurando ele, mas ele já tinha saído, mas ele saiu pelo caminho onde veio e foi assoviar já muito longe. Eles foram procurar, mas já tinha sumido. Aí o cacique deles falou:

– Deixa ir embora, mas se ele voltar nós vamos queimar ele.

Foi embora assoviando já muito longe devagarzinho, foi até que chegou lá nós meninos. Aí ele falou:

– Eu encontrei a mãe de vocês, mas eu matei todas as araras.

Um pedacinho de carne [do homem] que pulou na hora que eles estavam brigando virou o nambu preto. Ele chegou mentindo que havia matado as araras. É, mas a sogra dele e os meninos já sabiam que ele estava mentindo.

– É está bom, mas você viu a mamãe?

– Ela está lá, eu vou buscar depois.

Ele ficou, ficou, ficou, depois falou para os meninos.

– Eu queria ir andar de novo lá, a sua mãe não quer vir, eu matei tudinho as araras, [...] não sei se o novo marido dela vai vir também. A avó dos meninos, falou assim, cochichou:

– Esse aí não é ele [o homem] não, já aconteceu alguma coisa com ele, esse daí não é ele não, as vezes as araras mataram ele e ele veio com esse negócio aí. Ela desconfiou porque quando ele chegou que conversou, ele foi e deitou em uma moitinha debaixo da esteira, igual a nambu. Os meninos viram e ela viu também, se deitaram, os meninos deitaram. Quando foi de manhã no escurinho ele ia lá fora e já voltava como gente, e de noite ele ficava se amoitando assim, e eles viam, aí quando já ia amanhecendo ele saia por uma brechinha e já voltava como gente. Até aí que o menino falou para a avó.

– Vamos embora por aí procurar a mamãe.

No outro dia chegou o casalzinho de passarinho da *Dndaiká*, aí chegou com massa de milho no bico, assim parece que foi feito uma bolinha, ela que deu, aí falou para os dois passarinhos [...]. Os passarinhos foram embora e chegaram a tarde e mostraram para os meninos.

– Vó parece que os passarinhos da mamãe acharam a mamãe.

– Por quê?

– Olha aqui o bagacinho de milho que ele trouxe e botou na minha mão.

– É mesmo.

Passaram o dia e eles tinham ido não sei para aonde. Ficaram com medo:

– Vamos fugir, cada um de nós vai fugir, primeiro vai vocês e depois eu vou. Ninguém vai levar nada, vai deixar tudo, a vó falou.

Foram embora e nem falaram com ele [o homem], parece que ele estava tomando banho. Foi indo, os meninos encontraram os passarinhos que iam voando na frente, onde os passarinhos entravam era o caminho, os passarinhos foram até que chegou lá, já eram seis horas. Ela olhou:

– Já vem minha mãe.

Aí o marido dela, esse arara, correu:

– É mesmo!!! Sua mãe vem com fome! Tem comida?

– Tem! Ela falou.

Ela foi chegando, entrou ela e os meninos. Deram comida para eles. Ele procurou por aí andando, em toda maloca, em todo canto. Aí ele lembrou de novo, e ele foi lá de novo. Diz que pegaram ele e enfiaram pena no tronco da asa e jogaram ele para lá. Aí ficou até hoje o nambu preto ele canta a qualquer hora até hoje. Essa é nossa história.”